



# A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL NAS ATIVIDADES CIRCENSES SOB A PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS DA ÁREA

## THE INCLUSION OF STUDENTS WITH VISUAL IMPAIRMENTS IN CIRCUS ACTIVITIES FROM THE PERSPECTIVE OF PROFESSIONALS

\*Bianca Arantes Martins Yogui, \*\*Eliana de Toledo e \*\*\*Marco Antonio Coelho Bortoleto

### RESUMO

A fragilidade na formação profissional tem sido apontada como um fator inibidor das práticas esportivas e culturais para pessoas com deficiências. Uma das práticas que fazem interface com essas áreas é o circo. Nesse contexto, esta pesquisa objetivou analisar a inclusão do aluno com deficiência visual nas práticas circenses, com base na concepção dos professores. Considerando esta uma pesquisa exploratória, utilizamos como instrumento um questionário aplicado a 15 professores que atuam nessa área. Os dados apontaram que os professores consideram a prática do circo por pessoas com deficiência visual possível, porém não se sentem preparados para atuar, mostrando-se dispostos a buscar conhecimentos e criar meios para viabilizar essa participação. Podemos concluir que ainda é um desafio a inclusão de pessoas com deficiência visual no circo de uma forma segura e eficiente.

**Palavras-chave:** Deficiência Visual; Inclusão; Circo; Atividades Circenses; Educação Física Adaptada.

### ABSTRACT

The fragility in professional preparation has been identified as an inhibiting factor of sports and cultural practices for people with disabilities. One of the practices that interface with these areas is the circus. In this context, this research aimed to analyze the inclusion of students with visual impairment in circus practices, based on the teachers' conception. Considering this exploratory research, we used as instrument a questionnaire applied to 15 teachers who work in this area. The data showed that teachers consider the practice of the circus by people with visual impairment possible, but do not feel prepared to act, being willing to seek knowledge and create means to make this participation feasible. We can conclude that it is still a challenge to include people with visual impairments in the circus in a safe and efficient way.

**Keywords:** Visual impairment; Inclusion; Circus; Circus activities; Adapted Physical Education.

Recebido em: 13/02/2017  
Aprovado em: 09/04/2017

\*Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP  
Email: bianca.yogui@gmail.com

\*\*Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP  
Email: eliana.toledo@fca.unicamp.br

\*\*\* Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP  
Email: bortoleto@fef.unicamp.br



## INTRODUÇÃO

A prática de atividades físicas tem aumentado significativamente entre as pessoas com deficiências, porém algumas modalidades esportivas mostram “dificuldades” ou “barreiras” ao incluírem essas pessoas como praticantes por diversos motivos como: segurança dos praticantes, infraestrutura, materiais adaptados, desinteresse por parte do Governo, falta de dinheiro, falta de oportunidade, preconceito da sociedade, preconceito em relação a si mesmo, pouca divulgação de informações, preparação dos profissionais, entre outros (LIMA, 2006).

Segundo Gonçalves e Ferreira (2004), muitos profissionais que atualmente exercem a profissão de educadores físicos não possuem a preparação necessária para atender ao público de pessoas com deficiência, pois não cursaram, em sua formação, a disciplina de Educação Física Adaptada (dado que a inclusão obrigatória desse componente curricular somente se deu em 1994, por recomendação do MEC). Assim, encontramos desde cursos que não ofertam essa disciplina, passando por alguns que a ofertam com profissionais não especializados no assunto. O reflexo disso é um contingente de profissionais despreparados para tal atuação.

A deficiência visual é classificada por Gorgatti e Costa (2005) como a perda parcial ou total da capacidade visual levando a uma limitação, que pode dificultar a prática de certas atividades, inclusive as físico-esportivas. Desse modo, torna-se necessária a preparação dos profissionais que atuam nessa área para lidar com esse processo da maneira mais adequada.

Entendemos que a inclusão da pessoa com deficiência visual nas atividades circenses pode contribuir para o desenvolvimento de suas diversas habilidades motoras e capacidades físicas, além de ser uma maneira de trazer benefícios psicológicos, culturais e sociais aos praticantes. De fato, a participação na arte, cultura e desporto é um direito assegurado pela Lei Federal n.º 7.853, de 24 de outubro de 1989, regulamentada pelo Decreto Federal n.º 3.298, de 20 de dezembro de 1999, devendo, assim, fazer parte das políticas públicas (SKAF; MATTOS; BARA, 2007).

Vale lembrar que as atividades circenses têm mostrado uma crescente inserção social, ampliando suas possibilidades para além do entretenimento, que foi durante muito tempo seu objetivo principal (SOARES, 1998). Sendo assim, a realidade atual mostra importantes experiências educativas com as atividades circenses (SILVA, 1996; DUPRAT; BORTOLETO, 2007; BORTOLETO, 2008; ONTAÑON; DUPRAT; BORTOLETO, 2012) e também como opção de prática de atividade física (MEDEIROS; TOLEDO, 2005; SOARES; BORTOLETO, 2011), ou ainda para fins terapêuticos (LAGE, 2004).

Considerando a relação entre as atividades circenses e a pessoa com deficiência visual, alguns questionamentos emergiram e se tornaram alicerces desta pesquisa, dentre os quais destacamos: Como os profissionais que atuam na docência circense concebem a inclusão da pessoa com deficiência visual nesta área, especialmente em suas aulas? Eles se sentem preparados para atuar com esse público?

Desse modo, o objetivo desta pesquisa consiste em analisar a relação das atividades circenses com as pessoas com deficiência visual a partir da concepção do profissional que atua nessa área.

## MÉTODO

O presente estudo pode ser definido como uma pesquisa descritiva, pois não buscou relação entre causa e efeito. Pretende, sim, diagnosticar uma realidade em relação à prática circense e as pessoas com deficiência visual a partir da concepção do profissional que atua nessa área, sem interferir em nenhuma característica do público envolvido na pesquisa. (THOMAS; NELSON, 2012).

Participaram deste estudo 15 profissionais que atuavam em 5 instituições no ensino do circo na cidade de São Paulo, sendo: 2 escolas específicas de circo e 3 academias. Por questões éticas, o nome dos sujeitos e das instituições foi mantido em anonimato.

Essa cidade foi selecionada para ser o *locus* da pesquisa pelo fato de possuir grande oferta de instituições e profissionais que atuam nessa área,



muitos de renome nacional, e pela facilidade geográfica de intervenção da pesquisa para os pesquisadores.

Os critérios de inclusão dos sujeitos foram:

a) ser graduado em Educação Física, oriundo de família circense ou artista circense profissional; b) trabalhar com o ensino das atividades circenses há pelo menos dois anos; e c) trabalhar regularmente em instituição situada na cidade de São Paulo que oferece esse tipo de atividade.

A presente pesquisa ofereceu riscos mínimos aos participantes pelo fato de ocasionar eventualmente desconforto psicológico ou constrangimento ao responderem às indagações do questionário. Diante disso, possibilitou-se aos sujeitos não responderem a algumas questões ou interromperem a participação na pesquisa a qualquer momento. Os benefícios que a pesquisa pode proporcionar foram mencionados aos sujeitos.

Para esta pesquisa foi elaborado um questionário composto por duas perguntas fechadas (relacionadas a dados pessoais) e cinco abertas (relacionadas ao tema da pesquisa). O instrumento em sua totalidade almejou contemplar diferentes aspectos que nos permitissem alcançar o objetivo da pesquisa de diagnosticar uma realidade em relação à prática circense e às pessoas com deficiência visual, tendo sido elaborado especificamente para esse fim, já que na literatura consultada não foi encontrada nenhuma pesquisa semelhante.

As respostas não tiveram limite discursivo e cada sujeito pôde expressar-se livremente, contribuindo da forma que achasse mais efetiva com a pesquisa.

O contato com os sujeitos foi feito pessoalmente pela primeira autora da pesquisa. O horário, data e local para a aplicação do questionário foram escolhidos de acordo com a disponibilidade do sujeito, propiciando maior índice de participação. Os questionários foram respondidos imediatamente após o recebimento, na presença da pesquisadora.

A identidade dos sujeitos da pesquisa foi mantida em sigilo, e suas respostas foram utilizadas com a finalidade de alcançar o objetivo

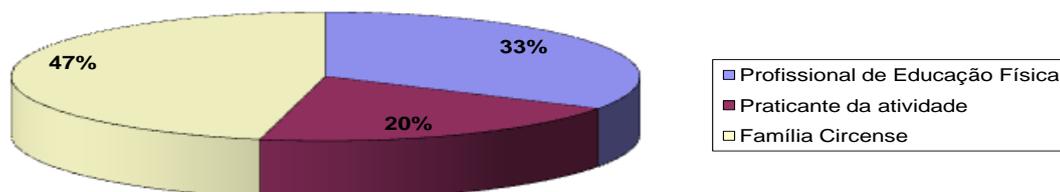
da pesquisa, sem a intenção de promover discriminação entre os profissionais em relação às suas competências, quantidade de aulas, capacitação técnica, faixa etária, dentre outros. Os sujeitos que foram convidados a participar da pesquisa o fizeram de forma voluntária, assinando o Termo de Livre Consentimento Esclarecido em duas vias, documento que continha as informações gerais da pesquisa e o contato dos pesquisadores.

A pesquisa foi realizada de acordo com os preceitos de ética descritos inicialmente pela Declaração de Helsinque (MELO; DE LIMA, 2004) e também descritos pela resolução 196/96, versão 2012 (CONEP, 2012).

A interpretação dos dados foi realizada quantitativamente. Após a tabulação, os dados foram apresentados de forma numérica e gráfica considerando sua frequência relativa, de acordo com os temas de cada pergunta do questionário. Houve também uma análise qualitativa, em consonância com uma pesquisa de caráter descritivo e exploratório, conforme exposto por Thomas e Nelson (2012).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível constatar que a maior parte dos sujeitos da amostra (47%) provém de “família circense”, o que mostra que esse perfil ainda é uma realidade, no século XXI, na maior cidade do Brasil. Embora a aprendizagem circense ocorresse exclusivamente no interior do mundo da lona durante o século XIX até aproximadamente a década de 1950 (SILVA, 1996) e essa condição tenha sido modificada significativamente a partir do surgimento das escolas de circo na década de 1980 (DUPRAT, 2014), a realidade encontrada na cidade de São Paulo mostra uma copresença de profissionais oriundos das famílias circenses com novos agentes cuja formação nessa especialidade esteja acontecendo de outra forma e em outras instituições (faculdades, escolas especializadas em circo, projetos sociais, etc.).

**Gráfico 1 – Formação profissional dos professores**

**Nota:** construção dos autores

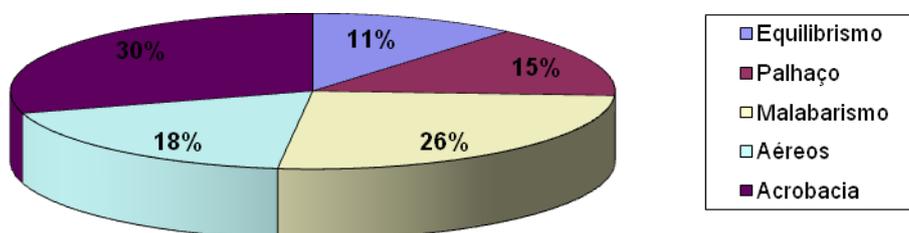
Conforme ilustra o gráfico anterior, constatamos a presença de profissionais graduandos ou formados em Educação Física e outro grupo composto por praticantes da atividade. O grupo da área da Educação Física chegou a 33% da amostra, praticamente um terço dela. Esse dado vai ao encontro da constatação inicial dos autores deste estudo de que está havendo cada vez mais a relação entre a área do Circo e a da Educação Física, seja nas produções acadêmicas (livros e artigos), seja no seu ensino (agora mais constatado).

O grupo de profissionais que se capacitaram a partir das experiências vividas como ex-praticantes e/ou atuais praticantes das atividades circenses se constituiu como uma minoria da amostra, chegando a 20% dela. Considerando-se que, segundo Silva (1996), as primeiras escolas de circo “fora” da lona surgiram no Brasil no

final da década de 1970, e que no final da década de 1990 a maioria dos grandes municípios brasileiros já vivenciava novas experiências de ensino da linguagem circense, era esperado que esse perfil de profissionais aparecesse em nossa amostra, pois provavelmente tenham sido pessoas formadas nesses espaços, advindas dos mais diferentes grupos sociais, e com propostas e objetivos diversos.

De maneira geral, os dados apontam para certa informalidade no que concerne à formação dos profissionais que atuam nesse âmbito, uma realidade explicada parcialmente uma vez que o circo se trata de uma área que não ainda não possui sua formação superior regulamentada no Brasil (DUPRAT, 2014).

No que diz respeito às modalidades circenses ministradas pelos sujeitos entrevistados, encontramos:

**Gráfico 2 – Modalidades circenses abordadas**

**Nota:** construção dos autores

Podemos observar certo equilíbrio na diversidade das “famílias” de modalidades circenses, indo ao encontro da proposta apresentada por Duprat e Bortoleto (2007) e também conforme as indicações realizadas por

Ayala (2008). A acrobacia de solo, com 30%, foi a mais mencionada, e isso pode ter ocorrido devido ao fato de essa manifestação ter similaridade com a prática da ginástica (acrobática e artística, por exemplo), ou mesmo



com a capoeira, presentes em muitas instituições brasileiras. Outros fatores que podem explicar essa alta incidência são:

- a possibilidade do uso de superfícies (colchões, tablados, tatames, dentre outros) mais comuns na realidade brasileira;
- maior facilidade de sua prática em diferentes espaços (salas, pátios, ginásios etc.);
- o caráter estético (espetacular) da acrobacia, que suscita motivação e atratividade para muitos jovens.

O malabarismo aparece no segundo lugar com 26%, provavelmente devido à sua popularização em diferentes contextos sociais (artistas de rua, encontros de jovens) (RIBEIRO et.al., 2014), bem como a maior facilidade de acesso ao material hoje disponível em lojas brasileiras, especializadas ou não, ou facilmente adquiridos pela *internet*.

Já as modalidades aéreas aparecem com menor frequência (18%) talvez por suas especificidades, como necessidade de altura maior no espaço de prática e estrutura para ancoragem, bem como formação especializada (BORTOLETO; CALÇA, 2007). Outro aspecto refere-se à percepção do risco em geral mais acentuada nesse tipo de atividade circense (FERREIRA; BORTOLETO; SILVA, 2015).

A modalidade palhaço foi menos mencionada (15%) e, embora ainda seja muito popular e reconhecida nos espetáculos circenses, consolidou um processo formativo diferente, em geral conduzido por palhaços profissionais em espaços com diferentes características (SILMAN, 2011; WUO, 2005).

Por outro lado, a dificuldade de adquirir equipamentos (arame, monociclo, etc.) talvez esteja prejudicando a prática das modalidades de equilíbrio, embora outros estudos sejam necessários para entender essa problemática com mais profundidade.

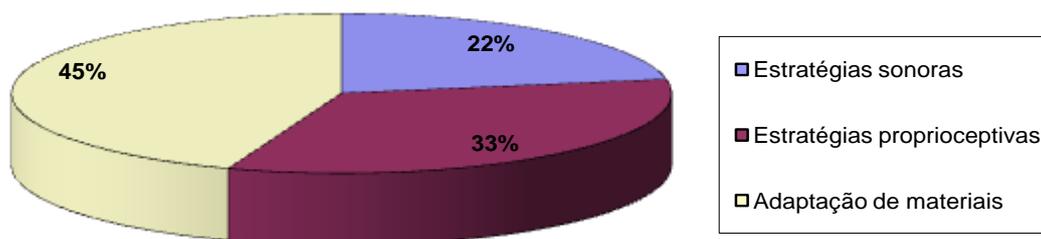
No que diz respeito às estratégias de ensino específicas para pessoas com deficiência visual, a grande maioria (73%) dos sujeitos relatou não possuir nenhum conhecimento específico. Talvez, esse aspecto se explique devido ao fato de que somente 33% dos sujeitos têm formação inicial na área da Educação Física, área que desde 1994, por orientação do Ministério da Educação e Cultura (MEC) deve oferecer ao menos uma disciplina sobre a Educação Física Adaptada (EFA). Desse modo, entendemos que profissionais licenciados antes desse período ou sem formação em cursos superiores que ofereçam conhecimentos específicos (Pedagogia, Educação Física,...) terão mais dificuldade de atender a esse tipo de público (GONÇALVES; FERREIRA, 2004).

Outro aspecto que deve ser levado em consideração é que a formação dos profissionais que acabam se tornando “professores/instrutores de circo” busca, de um modo geral, formar artistas, e não pedagogos (DUPRAT, 2014), portanto se espera que a maioria dos sujeitos desenvolvam suas habilidades e competências pedagógicas a partir da experiência obtida na prática. Nesse contexto, considerando que a presença de deficientes visuais é mais escassa, reforça-se a dificuldade de que se desenvolvam estratégias didático-pedagógicas específicas.

Concordamos com Winnick (2004) quando afirma que os profissionais que pretendem atuar com pessoas com deficiência devam buscar constantemente atualização e especialização, algo também desejável para aqueles que pretendam atuar no âmbito do ensino do circo. Assim, pois, os dados obtidos apontam para um despreparo dos profissionais que precisa ser debatido mais amplamente<sup>1</sup>.

Quando indagamos sobre as estratégias de ensino que poderiam ser utilizadas para deficientes visuais, obtivemos:

<sup>1</sup> Um bom exemplo de que há esforços para mudar esse panorama foi a inclusão de um curso sobre “Atividades circenses adaptadas” no X Congresso de Brasileiro de Atividade Motora Adaptada realizado no mês de novembro de 2016 na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

**Gráfico 3** – Estratégias de ensino para atuar com pessoas com deficiência visual

**Nota:** construção dos autores

A adaptação de materiais foi a mais indicada pelos profissionais e parece ser a mais eficaz, segundo a perspectiva dos participantes desta pesquisa. As estratégias citadas apresentam semelhanças com as que propuseram Gorgatti e Costa (2005): instruções verbais, percepção tátil e percepção cinestésica. Entendemos que as possíveis estratégias apontadas se mostram adequadas e coerentes com as necessidades dos deficientes visuais, apesar de, conforme foi comentado anteriormente, somente 27% dos sujeitos terem declarado possuir conhecimentos específicos.

Ao indagarmos se as pessoas com deficiência visual poderiam participar das aulas juntamente com as pessoas que não apresentam essa condição, observamos que 67% se mostraram favoráveis. Esse posicionamento vem ao encontro das afirmações de Winnick (2004), que se baseia na IDEA (*Individuals with Disabilities Education Act*), uma lei pioneira em relação à Educação Física adaptada que sustenta algumas premissas, dentre elas a de que indivíduos com deficiência visual devem passar por um processo de Educação num ambiente menos restrito, ou seja, juntamente com as pessoas sem deficiência visual. Nesse caso, somente seria necessária a criação de turmas distintas quando a severidade da deficiência fosse tamanha, que impossibilitasse o aprendizado em níveis aceitáveis, e, nesse caso,

tais turmas deveriam ser um complemento ao processo de educação tradicional.

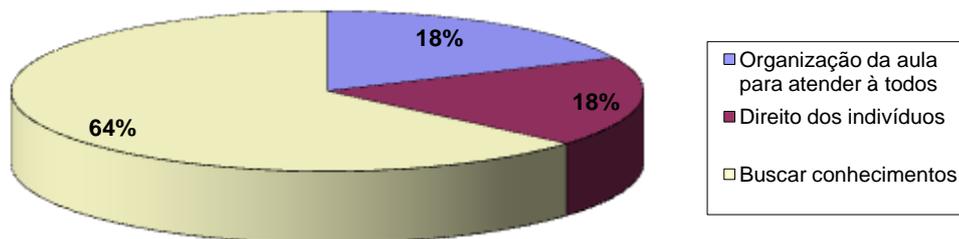
Sobre a possibilidade de incluir alunos com deficiência visual nas aulas, 53% declararam não haver condições. Assim, mesmo vindo que a maioria dos entrevistados se posiciona favorável à inclusão da pessoa com deficiência visual, muitos deles não se sentem preparados para isso. Outra questão que pode estar “embutida” nessas respostas é a possibilidade de uma aceitação “velada”, que “na prática” não é exercida por motivos diversos, dentre eles: o preconceito (pessoal e/ou institucional), um possível *marketing* negativo à empresa (quando esse preconceito existe pelos demais partícipes ou pelos clientes a serem conquistados) e a visão de que a participação desse público pode “atrapalhar o andamento da aula dos demais” (e por isso insatisfazê-los a ponto de se desmatricularem), dentre outros.

De fato, na opinião de Grana (2011, p. 22-23) o preconceito provém de todo um contexto histórico-social, “[...] advindo também de influências familiares, pessoas próximas, instituições escolares e demais ambientes de lazer, tais como parques e praças e espaços com grande concentração em massa”. Em suma, trata-se de um problema vigente.

Nos sujeitos (47%) que responderam positivamente sobre a possibilidade de inclusão dos deficientes visuais, identificamos que suas respostas se baseiam nas seguintes justificativas:



**Gráfico 4** – Justificativa da possibilidade de inclusão de pessoas com deficiência visual nas aulas de atividades circenses



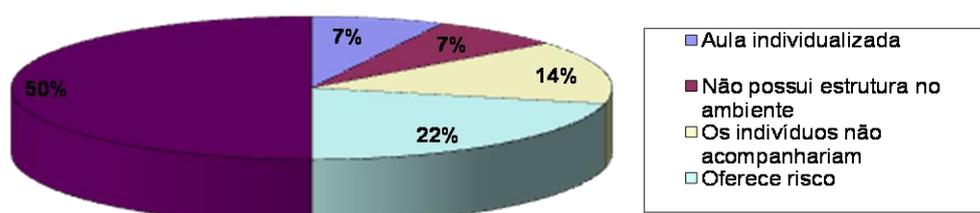
**Nota:** construção dos autores

Vemos que a maioria defende que, se necessário, eles estariam dispostos a buscar conhecimentos para poderem lecionar para esse público ou qualquer outro com alguma deficiência. Outros ressaltaram que se trata de um direito assegurado por Lei (Lei Federal n.º 7.853), norma que assegura o direito de acesso, ingresso e permanência nas manifestações de

arte, cultura e desporto por meio de meios que são dever do Poder Público (SKAF; MATTOS; BARA, 2007). Ainda nessa questão, 18% indicaram que poderiam reorganizar suas aulas de forma a atender a todos os alunos.

Em contrapartida, quando perguntamos sobre os motivos que inviabilizariam a inclusão dos deficientes visuais, obtivemos:

**Gráfico 5** – Justificativas sobre a não possibilidade de inclusão de pessoas com deficiência visual nas aulas dos próprios entrevistados



**Nota:** construção dos autores

De forma geral, as respostas acima coincidem com as relatadas por Winnick (2004). Também podemos observar, nas justificativas apresentadas, possíveis relações com os aspectos levantados por Lima (2006), dentre eles: garantir a segurança dos participantes, falta de infraestrutura, falta de materiais adaptados, preconceito da sociedade e falta de preparação profissional. Vale salientar que, mesmo sendo de baixa expressividade (14%), algumas respostas podem estar atreladas a certo tipo de “preconceito” quanto às capacidades das pessoas com deficiência visual frente a pessoas sem tal deficiência

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora seja este um estudo exploratório, elaborado a partir da opinião de 15 especialistas, entendemos que alguns apontamentos podem ajudar a compreender o desenvolvimento de uma área ainda incipiente, isto é, do ensino do circo para pessoas com deficiência visual.

Vimos que há uma diversidade importante na formação/origem dos profissionais atuantes, os quais podem ser sintetizados em três perfis:

- aqueles de origem familiar-circense que, portanto, convivem com esse universo há muito tempo;



- profissionais de Educação Física que viram no circo uma possibilidade de atuação e vêm buscando se capacitar na área dentro e fora do ambiente universitário;

- praticantes de atividades circenses (profissionalmente ou não / atuais ou não) que se capacitaram em escolas especializadas.

Devemos reconhecer o fato de este estudo ter sido realizado com uma amostra limitada, com um recorte geográfico específico, e que, portanto, seus resultados e análises não refletem uma realidade que possa ser generalizada. No entanto, notamos uma nova e promissora área de intervenção pedagógica que requer mais atenção dos estudiosos.

Concluimos, desse modo, que embora a maior parte dos sujeitos reconheça a

possibilidade de inclusão da pessoa com deficiência visual na arte circense, eles indicam sentirem-se despreparados.

A maioria dos sujeitos considera que as pessoas com deficiência devem participar das aulas juntamente com outros sem deficiência, demonstrando um posicionamento favorável à inclusão e dispostos a buscar conhecimentos em relação ao assunto. Esse dado nos parece um aspecto positivo e animador, sobretudo para uma área incipiente e promissora, conforme mostra a literatura especializada no ensino do esporte para o público com deficiências (DÉA; DUARTE, 2009; GUIOTI; TOLEDO; SCAGLIA, 2014; MARRONI, 2014).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYLA, Diego. José. Pereira. **O circo vai à escola: possibilidades de utilizar atividades circenses nas aulas de educação Física escolar.** 2008. 21 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física). Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Ponta Porã, Ponta Porã, MS, 2008.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (Org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses.** Jundiaí, SP: Fontoura, 2008.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CALÇA, Daniela Helena. Circo e Educação Física: compendium das modalidades aéreas. **Movimento & percepção**, v. 8, n.11, p. 345-360, 2007.

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Resolução 196/96:** versão 2012. Disponível em: <[http://conselho.saude.gov.br/web\\_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23\\_out\\_versao\\_final\\_196\\_ENCEP2012.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2016.

DÉA, Vanessa Helena Santana. Dalla; DUARTE, Edilson. **Síndrome de down: informações, caminhos e histórias de amor.** São Paulo: Phorte, 2009.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista brasileira de ciência do esporte**, v. 28, n. 2, p. 171-189, 2007.

DUPRAT, R. M. **Realidades e particularidades da formação do profissional circense no Brasil: rumo a uma formação técnica e superior.** 2014. 365 f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

FERREIRA, Diego Leandro; BORTOLETO, Marco Antônio Coelho; SILVA, Erminia. **Segurança no circo: questão de prioridade.** Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2015.



GONÇALVES, Viviane Oliveira; FERREIRA, Lorena Barbosa. Formação profissional em educação física adaptada na visão dos egressos do curso de educação física do CAJ/UFG. In: **Anais IV Simpósio de Educação do Sudoeste Goiano**. Jataí: UFG, 2004. Disponível em: <revistas.jatai.ufg.br/index.php/acp/article/download/9/8>. Acesso em: 5 nov. 2015.

GORGATTI, Márcia Greguol; DA COSTA, Roberto Fernandes. **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. Barueri, SP: Manole, 2005.

GRANA, Roseli. **Inclusão de alunos com síndrome de down nas aulas de educação física: a percepção do outro**. 2011. 50 f. Monografia (Graduação em Educação Física). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2011.

GUIOTI, Tiago Del Tedesco; TOLEDO, Eliana de; SCAGLIA, Alcides José. Esportes de raquetes para deficientes intelectuais leves: uma proposta fundamentada na pedagogia do esporte. **Revista brasileira de educação especial**, v. 20, n. 3, p. 357-370, 2014.

LAGE, Amarilis. Paulistano faz malabarismo para fugir do estresse. **Folha de São Paulo**. São Paulo, SP, 25 abr. 2004. Cotidiano, p. 12.

LIMA, Maria do Socorro Correia. Cenas da prática de atividade física e esporte para deficientes. In: **Anais 3º Seminário Internacional C & T na América Latina**. Campinas, SP, 2006, v. 1, p. 1-7.

MARRONI, Paula Carolina Teixeira. Navegando pela temática circense: um estudo sobre a presença do tema circo nas seis edições do Fórum Internacional de Ginástica Geral. In: **Anais VII Fórum Internacional de Ginástica Geral: ginástica movendo pessoas, construindo cidadania**, Campinas, SP, 2014.

MEDEIROS, Débora Elias; TOLEDO, Eliana de. O desenvolvimento da aptidão física relacionada ao prazer artístico na prática da atividade circense. In: **Anais XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, RS, 2005.

MELO, Ana Cláudia Raposo; DE LIMA, Vinícius Machado. Bioética: pesquisa em seres humanos e comitês de ética em pesquisa. Breves esclarecimentos. **EFDeportes**, Buenos Aires, v. 10, n. 78, 2004.

ONTAÑÓN, Teresa; DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Educação física e atividades circenses: “o estado da arte”. **Movimento**, v. 18, n. 2, p. 149-168, 2012.

RIBEIRO, Olívia C. F.; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; MONTANINI, Jéssica. Rua, praça e ponte: os encontros circenses-malabarísticos como uma opção cultural no Brasil. In: PONTES, Ana e colaboradores. (Orgs.). **Animação cultural em contextos iberoamericanos**. Leria: RIAP, 2014, v. 1, p. 242-253.

SILMAN, Naomi (Org.). **Lume Teatro – 25 anos**. Campinas, SP: Unicamp, 2011.

SILVA, Erminia. **O circo: sua arte e seus saberes**. O circo no Brasil no final do século XIX a meados do XX. 1996. 184 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1996.

SKAF, Paulo; MATTOS, Eliane Pinheiro Belfort; BARA, Guilherme Mac Nicol. **Guia dos direitos das pessoas com deficiência**. São Paulo: OAB SP/FIESP, 2007.



SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da educação no corpo**: estudos a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

SOARES, Daniela Bento; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. A prática do tecido circense nas academias de ginástica da cidade de Campinas-SP: o aluno, o professor e o proprietário. **Corpoconsciência**, v. 15, n. 2, p. 07-23, 2011.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2012.

WINNICK, Joseph P. **Educação física e esportes adaptados**. Tamboré, SP: Manole, 2004.

WUO, Ana Elvira. **Clown, processo criativo**: rito de iniciação e passagem. 2005. 189 f. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.